

## O CAMINHAR COMO UM MODO DE PENSAR

GUSTAVO DE OLIVEIRA NUNES<sup>1</sup>  
CARLA GONÇALVES RODRIGUES<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – gustavohnunes@msn.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas– cgrm@ufpel.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

O resumo trata do caminhar do arquiteto e urbanista e a produção de subjetividade que essa prática proporciona. A problemática surge em decorrência do afastamento do corpo desse profissional de sua principal obra de estudo e intervenção: a própria cidade. A cisão que ocorreu no pensamento ocidental entre corpo e mente é um dos fatores que colaboram com tal postura, potencializado por Descartes e a criação do *cogito* cartesiano, na Modernidade (FOUCAULT, 2010).

Tem como justificativa o fato de que a cidade contemporânea se desterritorializou, assim como o ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado, ou seja, entraram em um nomadismo generalizado onde inexiste um centro ou uma origem, e sim uma constante variação (GUATTARI, 2000) difícil de ser apreendida. A todo momento sugem novos modos de viver influenciados pelo Capitalismo Mundial Integrado, que afeta diretamente a maneira como a cidade é utilizada (GUATTARI; ROLNIK, 2013). Segundo dados divulgados pela ONU no documento Estado das Cidades do Mundo 2010/2011, em 2030 todas as regiões em desenvolvimento, incluindo Ásia e África, terão mais pessoas morando em áreas urbanas do que no campo. Ao mesmo tempo que há um devir urbano no mundo, as cidades se assemelham cada vez mais em suas ofertas de serviços, produtos, espaço público e nas próprias formas de subjetivação dominantes, definidas por decisões que chegam a partir do mercado imobiliário e dos meios de massa, ou *mass media*, produzidos atualmente pelo Capitalismo Mundial Integrado.

Na perspectiva aqui adotada, a partir da filosofia da diferença de Deleuze, todas as forma ou estruturas que existem no mundo, sejam elas políticas, artísticas, filosóficas, científicas, emergem a partir de uma relação de forças que ocorrem no campo social, composto também por forças. Na medida que essas forças se alteram ou se desfazem, também as formas variam ou desaparecem. Dessa maneira, a cidade pode ser entendida como uma forma fluída em decorrência da multiplicidade de forças que dela se apropriam, sendo ora de conservação, e por isso reativas, ora de criação e transformação, e por isso ativas (DELEUZE, 1976).

Um exemplo é o amplo uso do automóvel em detrimento de outras formas de deslocamento, que produziu uma forma urbana de autopistas e viadutos em conformidade com uma subjetividade que desejou isso. Hoje em dia, há uma proliferação de condomínios fechados, altamente publicizados. Ambos exemplos são decorrência dos interesses das forças capitalísticas engendradas pela modernidade que produzem subjetividades.

Esses modos de existência, assim como as modificações que ocorrem na cidade, podem ser apreendidos pelo arquiteto e urbanista. O objetivo é criar uma abordagem de apreensão da cidade, e também de experiência, onde corpo e mente não se separam, mas caminham juntos, pra poder expressar aquilo que perpassa o corpo do caminhante. Acredita-se que tal experimentação pode colocar a subjetividade do arquiteto e urbanista em relação com um outro, fazendo passar afetos num movimento de alteridade urbana (JACQUES, 2014) que desterritorializa os estratos, aumentando a potência de criação e diferenciação do pensamento que pensa a cidade, para dar voz, visibilidade e expressão para os devires menores

que não se encaixam nos padrões majoritários definidos pelo binômio Estado e Capital, fazendo emergir possibilidades de pensamento acerca da cidade menos excludentes. Encontra-se, nas três caóides definidas por Deleuze e Guattari: arte, ciência e filosofia (2010) abordagens acerca de um caminhar ativo, ou seja, criativo, onde a vontade de potência possui valor afirmativo.

## 2. METODOLOGIA

O resumo apresentado faz parte da pesquisa de mestrado que trata do caminhar do arquiteto e urbanista em diálogo com a educação<sup>1</sup>. Por ora, o procedimento adotado foi a revisão bibliográfica acerca da temática, sobretudo nas três caóides do conhecimento definidas por Félix Guattari e Gilles Deleuze. Na obra *O que é a filosofia* (2010), os autores desenvolvem a idéia de que o que define as três formas de pensamento - arte, a ciência e a filosofia - é sempre enfrentarem o caos, esboçando um plano secante que o atravessa, para a criação de uma imagem do pensamento que vai contra a opinião e senso comum.

Além disso, a metodologia pretende seguir as pistas do método da cartografia (ROLNIK, 2014). Tal abordagem não separa o corpo do pesquisador do objeto de pesquisa, deixando passar os fluxos afetivos que possibilitam a criação de outros modos de existência. Opera-se com o caminhar enquanto uma prática estética que coloca o pesquisador em contato com esse outro a partir do encontro.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho, ainda por vir, tem no inacabamento da forma sua característica. Mais precisamente, trata-se de um plano de estudos já em fase de execução. Observa-se, nos dias de hoje, que a maior parte das pessoas caminha apenas para se deslocar ou subordinados a uma questão física de saúde ou de esteticidade, influenciados por um padrão e um processo de subjetivação com interesses capitalísticos. A partir dos escritos de arquitetos e urbanistas contemporâneos - principalmente Francesco Careri (2013) e Paola Jacques (2014) - dá-se o encontro com o caminhar enquanto prática que pode ser problematizada. Ambos discutem a cisão entre o corpo do arquiteto e urbanista e a cidade, seu lócus de trabalho. Há uma figura hegemônica desse profissional, geralmente curvado sobre projetos arquitetônicos ou sob a tela de um computador, detentor de um consciência elevada, que pensa ser possível a criação distanciada da realidade. No lugar deste profissional, coloca-se o arquiteto errante que caminha e se permite o encontro, a alteridade e a troca com o outro urbano, geralmente invisível aos olhos do Capital e Estado. Por isso, procurou-se nas caóides um plano de consistência que permita pensar o caminhar de diferentes perspectivas, diferentes da opinião e do senso comum.

Na Ciência, Careri (2013) experimenta o caminhar como prática que o permite criar uma função para entender os mecanismos de expansão e uso do solo na cidade. Para ele, o ponto de vista com o qual o arquiteto olha para a cidade está situado dentro da cidade histórica, logo todo fenômeno urbano que rompe sua rígida estrutura será considerado caótico. Em sua teoria, a cidade comporta-se de maneira fractal, ou seja, há uma estrutura geométrica de espaços preenchidos e espaços vazios que se repetem a partir de um centro, sendo ele compacto e sua borda fluída. O centro é disciplinizado, pois seus vazios vão sendo preenchidos e tendem a se saturar ao longo do tempo, desenvolvendo-se sob o vigilante controle

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, na linha de Filosofia e História Educação.

da cidade. Já nas margens do sistema as transformações são mais prováveis e velozes, elas acontecem independentemente das teorias dos arquitetos e urbanistas, representando a nossa civilização “no seu devir inconsciente e múltiplo” (CARERI, 2013, p. 159). Assim “a cidade pode ser descrita do ponto de vista estético-geométrico, mas também do ponto de vista estético-experencial” (CARERI, 2013, p. 159).

Movimentos de vanguarda e artistas contemporâneos fizeram do caminhar um meio para criação de blocos de sensação, possibilitando uma forma de pensamento a partir dos afectos e percetos que a arte produz (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Um desses exemplos é Francis Allýs. Nascido na Bélgica, mudou-se para o México em 1986. Nessa época a cidade estava em pleno processo de revitalização do seu centro histórico, engendrado pelas políticas neoliberais do governo de Miguel de La Madrid (LAURENTIIS, 2014). Tais projetos iniciavam uma gentrificação do espaço transformando-o em mercadoria. Um dos fenômenos desta postura política e econômica foi a inserção da arte em galerias, geralmente localizadas no centro agora denominado histórico, acessíveis apenas a um público alvo detentor de capital financeiro. Tal modelo de organização da cidade dá ao consumo sua hegemonia. Mistura-se, nesse processo, o papel do arquiteto e urbanista, realizador dos planos revitalizadores, e do capital financeiro e imobiliário, criador da demanda urbanística, unidos num processo de espetacularização da cidade (JACQUES, 2014). Allýs, entretanto, realiza obras em meio a cidade que proporcionam uma experiência estética mais democrática, ao mesmo tempo que torna visível a luta entre os habitantes informais da cidade com o mercado imobiliário, na incessante produção do espaço público. Uma dessas obras é a série registros denominada *Ambulantes*, realizando nas caminhadas erráticas do artista pela Cidade do México, iniciadas a partir do ano de 1990.

Na Filosofia, depara-se com filósofos que caminharam pra pensar e criar conceitos e definições, como Nietzsche (GROS, 2010). O filósofo praticou longas caminhadas nos lugares onde esteve, como em Sorrento, na Itália, e em Sils-Maria, na Suíça, dando forma à grande parte de suas ideias durante os percursos. Nos passeios feitos no litoral italiano, acompanhado de seu amigo Paul Réé, Nietzsche abandona os ideais metafísicos apresentados em *O Nascimento da Tragédia* e propõe a filosofia dos espíritos livres (D'IORIO, 2014), influenciado pelas formas de vida que experimenta nesse lugar. Mais tarde, em passeios solitários pelas montanhas suíças, o filósofo tem a inspiração da Teoria do Eterno Retorno que marca outra fase em seu pensamento, onde surgem as obras *Humano, demasiado humano II, A Gaia Ciência e Assim falou Zarathustra*. Em carta a um amigo em 1878, após a finalização da obra *O andarilho e sua sombra*, o filósofo escreve: “Tudo, a não ser talvez por algumas linhas, foi pensado durante os trajetos e rabiscado a lápis em seis caderninhos” (NIETZSCHE apud GROS, 2010, p. 24). Por causa disso, o filósofo afirma o escritor artesão, aquele que pensa ao ar livre, “andando, saltando, subindo, dançando” (NIETZSCHE, 2012, p. 240) e que dá, ao livro, outra saúde, a grande saúde nietzschiana, configurando uma fisiologia diferente, cheia de possibilidades de respiração ao ar livre.

Esses breves exemplos trazem a tona subjetividades que inventaram outros modos de viver agenciados com a prática do caminhar, produzindo a possibilidade de diferença em suas vidas e obras, de maneira singular. Os três fogem do senso comum, da lógica capitalística e de Estado, não se deixando capturar por nenhum deles através do nomadismo, que inventa a máquina de guerra. (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

#### 4. CONCLUSÕES

Acredita-se que o caminhar possa produzir um território existencial a partir dos encontros que acontecem no trajeto, fazendo contato com o outro urbano que rompe a estrutura capitalística hegemônica de cidade, aquilo que Deleuze e Guattari chamaram de máquina de guerra. Aqui, não se pretende a criação de uma ferramenta de captura, mas de uma abertura para esse outro, afirmado a sua existência afim de realizar a co-existência da diferença. A partir da pesquisa nas caóides (DELEUZE; GUATTARI, 2010), é possível um pensamento mais complexo, que opera os conceitos da filosofia, os afectos e perceptos das artes e as funções da ciência para entender como cada uma opera na construção de seu plano de conhecimento. Encontrou-se em Nietzsche um filósofo que experimentou outra forma de existência, próxima às práticas ao ar livre, o que possibilitou uma linha de vida em meio a todas as adversidades por qual essa existência passou. A essas práticas a aos momentos de criação ele deu o nome de Grande Saúde. (NIETZSCHE, 2011). Francis Allys abriu-se ao outro, e mediante aos processos de espetacularização da cidade, o artista transvalorou a exclusão e a gentrificação que esses processos capitalísticos produzem, transformando-os em obra de arte, inserindo-a, então, numa relação de forças tangenciando um campo social e político. Carreri cria uma função, ou seja, um dispositivo pra fazer funcionar um método de apreensão da cidade a partir do caminhar, identificando na cidade vazios urbanos, semelhantes aos vazios do inconsciente. Desloca, assim, a criação da cidade enquanto uma prática racional para um produto do inconsciente.

Tais abordagens, no campo da arquitetura e urbanismo possibilitam uma outra forma de olhar, escutar e sentir a cidade, colocando o arquiteto em relação com o meio urbano a partir da caminhada, menos próximo às teorias que apenas dizem como as coisas deveriam ser. Além disso, há um processo de formação atrelado a uma política que envolve o corpo e o campo afetivo, diferente das simples significações que a consciência produz.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARRERI, F. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: G. Gilli, 2013.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- \_\_\_\_\_. O pensamento nômade. In: MARTON, Scarlett (org.). **Nietzsche hoje?** Colóquio de Cerisy. São Paulo: Brasiliense, 1985
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v.2. São Paulo: Editora 34, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v.5. São Paulo: Editora 34, 2012.
- \_\_\_\_\_. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **L' Abécédaire de Gilles Deleuze**. Paris: Editions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, son., color.
- D'IORIO, Paolo. **Nietzsche na Itália**: a viagem que mudou os rumos da filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2º14.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- GROS, Frédéric. **Caminhar**: uma filosofia. São Paulo: É Realizações, 2010.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2014.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**: de como a gente se torna o que a gente é. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2014.